

JOAO SOARES TEMBE ( JOCA) - lider - DEPOIMENTO - 15.09.'81

Vou contar o que aconteceu e está acontecendo com os TEMBE em relação à reserva indígena.

Sofremos problema de invasão desde 1970 e sabemos que a reserva estava sendo invadida por posseiros. Recorremos à Funai e a Funai disse que ia tomar providência. Quando foi mais uns anos, 3 ou 4 anos que a reserva estava sendo invadida pelos posseiros, a comunidade tomou uma iniciativa de incendiar roçado, queimar casas. Daí a Funai chega e diz: " Os índios não podem fazer isso, tem que parar. A Funai vai tomar providência. Brasília vai resolver. Passou tempo e nada.

A comunidade tornou a se organizar e tomar outra iniciativa, queimando roças, casas. A Funai chega e diz: " Não. Tem que parar. Tem que ter calma. Quem tem que resolver este problema da terra é a Funai, é Brasília. A Funai vai resolver os problemas dos índios. Índio não pode brigar!"

O tempo foi passando. Quando foi em setembro de '80, a comunidade tomou outra decisão e pretendeu destruir uma ponte que ficava dentro da reserva. A ponte era da estrada que ia para fazenda Majer. A comunidade achou que devia destruir aquela ponte, porque a estrada era que motivava os posseiros a invadir a reserva. A comunidade iniciou a destruir a ponte. A Funai veio e disse: " Calma. A Funai tem que fazer isso. Vai queimar a ponte. Já queimamos uma vez e vai queimar tantas vezes quantas reconstruirmos. A comunidade não tem que resolver nada. A Funai que vai resolver. E passou tempo e nada resolvido.

Em 02.06.81 viemos 08 Tembê até Belem fazer uma reunião com o delegado Paulo Cezar. Falamos com o advogado e ele foi até Guamã.

Chegou lá e alegou para nós que nós não era mais índio. Disse que nós estava querendo brigar com Funai, que nós estava fazendo uma pista para ser emancipado e daí a gente ficou assim e mandamos uma carta para o delegado, pedindo que ele fosse lá. Foi no começo de junho.

O dr. Paulo chegou lá, dizendo que tínhamos que fazer um acordo, que a gente devia aceitar a terra loteada, cada família com 200 ha.

A comunidade ficou assim e achou que não devia aceitar. A comunidade achou que devia ficar com a área em conjunto, não loteada. Segundo os índios velhos acharam que não, porque nasceram e se criaram sem viver assim no individual, mas em conjunto, comunitário.

A Funai disse que ia tirar da estrada do Mejer para cima para os posseiros e da estrada para baixo para os índios. E a comunidade disse que não, que aquilo era muito pouco. Daí a comunidade se reuniu, se organizou e viemos até Belem falar com o Dr. Paulo que a Funai tomasse providência e expulsasse os posseiros, que estavam muito perto. A última aldeia, que fica em cima, está com 300 metros de distância da invasão. Está muito encostado. Então a gente pediu uma iniciativa com urgência da Funai. O delegado falou que era difícil a Funai limpar toda reserva.. Ele podia limpar onde eles programaram: da estrada do Mejer para cá. Da estrada do Mejer para lá ficaria com os posseiros. Nós achamos pouca terra.

A comunidade achou que devia ser pelo menos do PIRIÁ até o GUAMÃ.

E assim ficou que não resolveu. O delegado falou com Brasília e Brasília respondeu que no dia 28 estaria em Belem ou no Guamã para entrar em acordo com a gente, para saber como é que vai ficar o problema da terra.

E agora a gente está enfrentando um problema muito sério. A Funai diz: " Vocês não são mais índio. Se vocês tivessem tomado uma iniciativa no começo da invasão, já estava resolvido. Mas agora eles dizem que tem muito posseiro e a comunidade é 300 e poucas pessoas e o posseiro é muito. Eles falam assim.

Mas no início, quando a comunidade se organizava e queria tomar uma iniciativa, a Funai chegava e dizia: " tem que ficar parado, não tem que se meter, a Funai vai resolver".

Naquela época dizia assim e agora falam diferente. Aonde eles alegam: " Vocês não são mais índio. Eles dizem que tem só 30 ou 40 índio e o resto é posseiro que veio viver no meio do índio. Nós somos 300 e tantas pessoas e somos índios. Eles dizem que é pouco índio e nós ficamos sem entender.

Mas a comunidade decidiu que a Funai tem que resolver ou do contrário não sabe o que vai ser.

Faz 08 anos que a Funai vem prometendo e está deste jeito. A comunidade está se sentindo muito mal por isso.

No início disseram que era para ficar parado que a Funai ia resolver. e agora alegam que se a comunidade tivesse tomado uma iniciativa, não teria problema de invasão.

Por isso que se a Funai não tomar uma iniciativa, a comunidade é obrigada a tomar iniciativa.

Eles falam: " Vocês não devem ir em Brasília. Se forem em Brasília não vão ser atendidos. Brasília atende mais índio. Assim a gente acha ruim. Não pode

ser. Se em Brasília a Funai foi fundada para resolver o problema do índio e eles não querem resolver, não querem atender, então quem vai atender? Deste jeito não dá.

Quando começou a conversa da terra loteada o chefe do posto saiu nas casas dos índios, dizendo que a única solução era aceitar a terra loteada, porque se não aceitasse a terra loteada a Funai não ia resolver, então iam perder tudo. Ele falou isso e os índios ficaram com medo.

Quando o Dr. Paulo chegou ele falou: " Bom. O que posso fazer é isso: é tirar um pedaço pra' os posseiros e outro para vocês. Como é que vocês querem ficar, com a terra toda cheia de problema ou com um pequeno pedaço livre. Um pequeno pedaço é garantido, agora a área toda não garanto. Se vocês aceitarem um pequeno pedaço de 200 ha para cada família, eu resolvo na hora, a Funai resolve na hora, mas se vocês não aceitarem vão perder tudo, porque a Funai não vai resolver e nunca vão ter terra. Vocês nunca tiveram terra. Esta terra é da UNIAO.

Então a comunidade, os índios ficaram esmorecidos, ficaram com medo. Aonde houve opinião dizendo: " O jeito é nós aceitar este pedacinho, se não vamos perder tudo. Onde vamos viver? Então o povo ficou assim, ameaçado. Não aceitamos 200 ha para cada família, mas aceitaram um pequeno tamanho, um pedaço pequeno, porque ficaram com medo da ameaça que a Funai fez para a comunidade. É assim a gente vem enfrentando este problema com a Funai.

Estou lembrando quando o dr. Nonato, foi lá para resolver os problemas, chegou lá e foi dividindo a comunidade, botando um para cá e outro acolá, querendo saber quem gostava da Funai, quem não; quem era amigo do chefe do posto. Não foi fazer o trabalho da terra, ou resolver o problema da terra: foi fazer divisão da comunidade. Então a comunidade ficou mais fraca. Tinha problema da comunidade com o funcionário da Funai, mas este não era o problema principal. Foi dividindo a comunidade dizendo: " Você não é mais índio passa para cá, fulano passa para lá. A gente fica preocupado. Como é que o funcionário que não nasceu dentro da aldeia, não se criou lá, conhece os índios há pouco tempo vai saber quem são os índios e quem não são e quem deixa de ser. A comunidade achou que isto não está certo.

Isto vem trazendo problema para a comunidade enfrentar com a própria Funai.

E quando o delegado foi lá, que mandamos carta, o delegado chegou agitado, chegou com revólver perguntando quem eram os bravos que queriam brigar com os funcionários, coisa que nunca aconteceu.

Então a gente sentiu que a própria Funai está querendo brigar com os índios. Chegou dizendo: " Quem é o bravo que quer brigar com o chefe de posto."

A comunidade não quer brigar com funcionário, a comunidade quer, os índios querem que a Funai resolva o problema da terra. Daí não sei como foi, por que motivo o delegado chegou agitado e perguntando quem era o valente. " Vocês que são valentes e querem quebrar a lança da Funai" . Tudo isto ele falou, para o pessoal lá em cima, lá na frásqueira. Eles contaram para nós na reunião que foram ameaçados pelo delegado.

Agora não sei porque o delegado chegou assim.

A comunidade se sentiu mal, que está sendo massacrada pelos próprios funcionários.

DEPOIMENTO DE JOÃO SOARES - LIDER TEMBÊ - JUNHO 1981

No dia 05 de maio tivemos uma notícia no P.I. Alto Rio Guamã, pelo chefe de Posto Antonio Soares de Castro que a reserva P.I. Guamã ia ser liberada para os posseiros nas seguintes condições: 500 ha para cada família índia e o resto que sobrasse era para os posseiros. Então no dia 02 de junho nós viemos até a ZDR em número de 08 índios, para saber em relação à reserva como é que estava e falamos com a dona Zélia a sub-delegado. Ela nos enviou para o Dr. Nonato. Ele falou que no dia seguinte viajava para o P.I. Guamã e lá informava alguma coisa em relação à reserva. Quando chegamos no P.I. Guamã, no dia seguinte reunimos em número de quase 40 pessoas e ele falou em relação à reserva que nós vamos ficar com 200 ha cada família, toda loteada e titulada pelo INCRA e daí nós ficamos calados e ele voltou para Belém. E depois em 15.06.'81 nós estivemos em reunião com o Dr. Paulo e o Dr. Nonato no P.I. Guamã.

O Dr. Paulo falou: "Eu vim fazer o que o Presidente da Funai mandou. Ele perguntou qual era a ideia que eu tinha para resolver a situação dos Tembê. Eu disse para ele que a ideia já tinha, apenas faltava concordar com os Tembê.

Ele chegou e proclamou as ideias que ele tinha para resolver o nosso problema. Ele falou que a terra ia ser loteada e titulada pelo INCRA dando para cada família 200 ha. Nós somos 80 famílias. Iam dar 16.000 ha.

Então achamos que era pouca. Nossa terra é grande e a Funai dá nossa terra para o branco e nós ficava só com um poquinho de terra. Ele falou que quanto a esta pequena quantidade de terra, ele, ele podia dar, mais não dava. E tinha outra dificuldade, que o INCRA apenas titulava 100 ha para cada família, mas já que nós éramos índios ia dar 200 ha, mas isso nem estava no regulamento do INCRA.

Então nós achamos que a terra era pouca.

E também ele falou que a partir daquele dia em que nós concordasse receber 200ha limpava a terra, tirava fazendeiro, posseiro que estivesse lá, ele deixava a área limpa e demarcada e titulada. Ele falou para nós que se nós aceitasse os 200 ha para cada família tudo bem. Agora se nós não aceitasse ele ia deixar como estava, os posseiros invadindo até que chegava o momento que os posseiros expulsava até o chefe de posto e nós ficava sem terra.

E também falou que se nós concordasse tudo bem, ele queria que nós concordasse porque queria ficar despreocupado com problema de terra no Guamã. Outra coisa que ele falou, que a terra ia ser entregue para nossas mãos a partir do dia que ele resolvesse este problema, de distribuir para cada família 200 ha. A partir daquele dia a Funai não tinha nada com terra. Se nós deixasse invadir o problema era nosso. Se nós deixássemos o fazendeiro entrar, o problema era dos índios.

Então nós do Guamã achamos que isto não podia acontecer. Jamais o índio vai conseguir impedir o fazendeiro entrar na área terra dele. Como? Nós achamos que ficamos com pouca terra e a Funai desliga, entrega, não vai cuidar. Mas um dia o fazendeiro entra e o posseiro, tira o resto e o índio onde vai? Então até agora não concordamos que a terra seja tirada para os posseiros.

Quero falar também sobre outro assunto: dos Projetos econômicos.

Também por parte da Funai nós não ficamos gostando. No mês de junho do ano passado fizeram um projeto econômico da Funai de dois milhões de cruzeiros.

Eles falaram para nós, o chefe de posto falou assim: "Vocês vão trabalhar e vão passar muito bem agora, não vão saber o que é passar fome que a Funai, o Governo, liberou uma verba de dois milhões para um projeto e a gente vai comprar o que for de bem em benefício da comunidade. Isto aconteceu no mês de junho.

Quando foi em dezembro chegou ferramentas, semente de arroz, de malva, uma lancha, um motor de luz e também 150.000,00 cruzeiros em mercadoria para a nossa cantina. Mas nós somos 80 famílias. Para ser mantido 06 meses com 150.000,00 Cr.?????

Daí a comunidade achou que o projeto econômico da Funai não beneficiou a comunidade, deixou foi no pior. Nós também debatemos em reunião, que nós não aceita mais projeto econômico pela Funai. Se acontecer de nós ainda fazer projeto, a administração vai ficar com a comunidade. Aliás nós fizemos reunião. Já temos pessoas escolhidas, temos pessoal capacitado para tomar conta de uma cantina. E isto já debatemos e nós não aceita mais projeto da Funai.

E também me lembrando da reserva, nós ainda lamenta e nunca vai esquecer que temos 08 anos de promessas da Funai. Me parece que foi em 73 quando iniciou uma invasão de exploração de madeira e depois esquecemos disto e a invasão continuou e veio vindo, daí entrou a Funai. Em 77 a Funai começou a dizer que estava tomando providência do problema das terras. Foi passando dias, dias, e sempre entrando posseiros. Quando foi o ano passado tivemos uma ideia: destruímos a ponte.

O Dr. Paulo, o delegado da Funai, também interveio. Foi lá. O pessoal já tinha reconstruído a ponte, ele desceu. Afinal ganhou muito apoio. A gente dizendo:

Mas depois a esposa dele, enfermeira do P.I. Guamã tentou matar a índia Fausta Pastana Tembê, por causa de conversinhas.

Ai começaram os problemas, aonde o Dr. Paulo falou. Eh, você está aparecendo em assembleias indígenas. Você está sendo incentivado pelo pessoal do CIMI".

Falei: " Eu não tenho nada a que ver com o CIMI. Eu não vivo do CIMI, o CIMI não me deu nada para minha casa. O que está acontecendo é que a Funai está trazendo o índio em sujeição. É a dor que estamos sentindo em nós. Nós estamos sentindo, não é ninguém que está incentivando. Nós estamos sentindo, estamos ficando sem terra. A invasão está ha dois quilômetros longe do posto. Não é preciso uqe o pessoal do CIMI venha lá avisar, é nós que estamos sentindo.

" Não quero saber, ele falou, você tenta me levar...." Ele falou: " Então sendo assim, vocês tem que fazer uma liderança, mas você não serve para ser um lider.". Eu achei que nesta altura a Funai é que vai escolher um lider dentro da comunidade. Nós temos uma liderança escolhida pela comunidade. Aliás temos um antigo capitão que é o Francisco Romão. Depois fui escolhido eu, João Soares tembê, como lider. Agora escolhemos mais um lider que é o Feliz Sarmento dos Santos. Somos dois lideres. Mas eles acham que quem ter escolher os lideres é a Funai e não a comunidade. Então da parte da comunidade, estamos sentindo que a Fuani quer eliminar a liderança para fazer o que ela tem vontade: acabar com o índio.



DEPOIMENTO DA COMUNIDADE Tembê, REUNIDA EM ASSEMBLEIA EM SETEMBRO '80  
DEPOIS DA DESTRUIÇÃO DA PONTE DO MEJER.

JOCA. Toda a comunidade decidiu destruir a ponte.  
Antes desta ação nós fizemos uma reunião e foram escolhidas as pessoas. Se a Funai não fizer nada, nós vamos tomar outra atitude, porque nós já aguardamos há oito anos, e oito anos é um bocado de dias. Acredito que toda a comunidade está com um só intuito, o intuito de um é de todos. Vem um pessoal por aí dizendo que é o pessoal de fora que está mandando nós fazer setas coisas, mas não é, não. É a própria comunidade que achou. A comunidade está se perguntando que tem muita demora, oito anos. Então nós já falamos p seguinte em discussão, em reunião: Nem que acabe a tribo, vamos continuar. Eles falam que acabam a tribo, porque é muita terra pra pouca gente. Nós estamos pronto a lutar até acabar a aldeia. Não fica ninguém, todos vão morrer.

TEÓFILO (índio velho) : Eu tenho confiança e no mesmo tempo não tenho, que a Funai vai resolver este problema, porque são oito anos, não são oito dias, que vem prometendo e cada vez mais o povo de fora inadindo.

JOSÉ FRANCELINO DOS SANTOS: Quanto mais tempo passa, mais o pessoal invade. É por isso que está cheio de gente; porque se tivessem tomado providência desde o começo, não estava do jeito que está hoje em dia. Vai fazer amanhã, não, depois de amanhã, deixa para fazer depois. E assim vai passando o tempo, e por isso que está assim do jeito que está. Na situação que está de hoje em dia para nós. A situação está ruim aqui para nós. Do jeito que está não sei como é que vai ficar.

? ( da aldeia de cima, mais perto da invasão) : Nós moramos numa cabana bem perto. De lá a gente houve tudo o que está acontecendo lá. Até prometeram dar um tiro no rapaz, este que está aí, Eles já estão perto de nossa roça, bem perto mesmo. Daqui a uns dois anos vão botar o pẽ no terreiro, porque do jeito que vai, se não tiver um atalho como diz o pessoal não sei como é que vai ficar. Eu só sei que lá onde tenho roçado para frente, eles não põem o pẽ. Porque eu já disse que se eles vem, eles morrem. Eu só vou avisar uma vez, nem que eu morra também, porque a gente não vai dizer que só vai matar. Nós que somos daqui, nós temos direito, os outros que vem de fora pegar a nossa terra parece que tem aí direito do que nós. O que a gente está fazendo aqui? É nós que temos que procurar outro rumo?.

? : Os invasores querem acabar com os Tembê, se a intenção é esta então que acabem logo com tudo. Nós é que somos donos desta terra.

MANOEL: Eles estão dizendo que são saem se for aos pedaços, então a gente corta eles em miudo e bota eles para fora. Agora nós estamos aguardando aqui para ver como é que vai ficar, mas se for preciso nós dar o nosso jeito, nós damos.

? : O cara do jornal ( naqueles dias os Tembê tiveram visitas de jornalistas) falou para mim assim: " No entanto que os operários vão reconstruir a ponte, o pessoal da vila ficou aguardando a volta dos índios" . Agora nós estamos esperando uma solução da Funai. O delegado prometeu vir aqui nestes dias, nós vamos colaborar com ele.

Joca : Nós queremos que a ponte seja destruída. Que não haja mais trânsito de fazendeiro pra' dentro da reserva. Nós já pedimos à Funai. Nós fizemos um relatório. Estamos aguardando há oito anos e estamos decididos a tomar outras providências. Acredito que a comunidade toda está com um só intuito.